

LUIZ GONZAGA DE ALMEIDA

Quando o
Jardim
Estiver *Florida*

The title is rendered in a highly decorative, black calligraphic script. The words 'Quando o', 'Jardim', and 'Estiver' are arranged in a staggered, overlapping fashion. 'Quando o' is at the top, 'Jardim' is in the middle, and 'Estiver' is at the bottom left. The word 'Florida' is positioned to the right of 'Estiver' and is significantly larger and more prominent. The entire text is embellished with intricate, swirling floral and vine-like flourishes that extend from the letters, particularly from the 'J' and 'F'.

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2024

CAPÍTULO I

O JARDIM DA NOSSA CASA



A fazenda Santa Margarida, como descrita no início, tinha um extenso canavial que ocupava novecentos hectares, além do espaço da sede, as casas para os colonos fixos e alojamentos para os eventuais, que trabalhavam apenas no período de plantio e de colheita. O número e as características dos trabalhadores se diversificavam ano a ano. Muita gente boa sempre surgia nas temporadas, assim como muitos de péssima qualidade moral e profissional. Com isso, muitas vezes, situações desagradáveis ocorriam e os capatazes tinham de agir para expulsar vagabundos e até bandidos que vinham apenas tentar praticar algum ato criminoso, mas, com o trabalho, não queriam nada.

Era nessa hora que entrava o Coronel com sua rigidez. A ordem era de espancar caso não obedecessem. Mas essas características faziam com que menos pessoas que não estavam interessadas no trabalho sério e produtivo deixassem de procurar trabalho na fazenda, todavia, sempre um ou outro se arriscava e dava com os burros n'água.

A casa da sede era imensa. Havia um quarto para cada membro da família, além do cômodo do casal. A cozinha era muito grande com fogão à lenha, mesas e cadeiras fabricadas

em madeira bruta e muito bem entalhadas. Na sala de jantar, havia mesa e cadeiras para muitos lugares. A despensa era tão imensa que foi possível dividi-la e transformá-la parcialmente em quarto para o filho bastardo, Manezinho.

O mais incomum e impressionante era o jardim que rodeava todo o prédio. Árvores imensas, pequenos arbustos muito verdes e floridos. Dona Maria Florinda, muito zelosa com o patrimônio da família, é quem se encarregava de administrar os cuidados com as plantas e com o visual. Por isso, os jardineiros – que eram três – há muitos anos não eram substituídos.

Há três meses, Benedito e Rosa haviam se casado com os também irmãos Fabrícia e Jorge – respectivamente – no mesmo dia, por um interesse comum de ambos os pais. O Coronel Virgílio, pai de Fabrícia e Jorge, estava acamado, muito doente e, por isso, combinou com o Coronel Manuel – que era seu primo – um casamento de acordo para que, com sua morte, seu patrimônio não fosse parar nas mãos de estranhos e por seus filhos já terem passado dos trinta anos. O inconveniente, porém, era que Fabrícia tinha dez anos a mais que Benedito e Jorge, a mesma diferença para Rosa. Mas o fato se deu e ninguém reclamou. Não se sabe se o interesse falou mais alto. Será?

A vida seguia para a família do Coronel de forma natural em que cada membro aceitava sua rigorosidade e, às vezes, imposições. Contudo, era permitido que pudessem exercer autonomia nas decisões de suas atitudes pessoais. Isso acontecia quando queriam escolher suas amizades, as festas que frequentavam e até as roupas que usavam, desde que não ferissem o conceito de moralidade e respeito.

Sendo assim, numa manhã de domingo, quando dona Maria Florinda passava as primeiras ordens às cozinheiras sobre o preparo do almoço, chega Marília dizendo:

– Mãe. Preciso comprar roupas novas.

E a mãe responde:

Bom dia para você também, minha filha. Mas, não compramos roupas para todo mundo dia desses mesmos?

E Marília responde:

– Não, mãe. Aquela roupa foi para o casamento do Benedito e da Rosa. Meu vestido de festa já está muito batido. Vou sentir vergonha das minhas amigas se não comprar outro novo. Haverá o baile de formatura do colégio e eu preciso de roupa nova.

E a mãe argumenta:

– Vou olhar no seu armário e ver se precisa mesmo. Talvez uma boa lavada e alguns retoques mudem a aparência. As meninas do colégio não têm roupas novas para todas as festas. Nem vão perceber que seu vestido já tem uma festa de vida. Além disso, a formatura só será daqui a quatro meses. Até lá, muita coisa vai acontecer.

Cida, uma negra que é a cozinheira, dá o seu pitaco:

– O quê que custa patroa? A menina é tão bonita. Merece vestir roupas novas sempre. Para nós que somos velhas e feias é que basta um pano surrado cobrindo o corpo.

E a patroa retruca:

– Cuide das suas panelas e fique quieta. Não dê palpites porque só estragam as crianças.

Não era com desprezo que a patroa repreendia a empregada, e ela sabia disso. Tanto que respondeu em seguida.

- Vocês são todos uns mãos-de-vaca. Podres de ricos e negam um vestido novo para a filha ir a uma festa.

E dona Florinda exclama sorrindo:

– Ora, vá plantar batatas e cuide do seu serviço, mulher!

Em seguida, sai da cozinha dizendo.

– Cuide bem desse almoço porque hoje vamos ter convidados.

Marília a acompanha e questiona:

– Quem vem para o almoço, mãe?

E a mãe responde:

– O capitão Galdino, esposa e o filho.

E a filha volta a questionar:

– Não vai me dizer que eles vêm me pedir para se casar com aquele “veadinho” do filho deles?

A mãe responde muito brava:

– Respeite as pessoas, menina. Se o seu pai ouvir isso, com certeza, você levará um tapa na boca por desrespeito. E eu não sei se o assunto é casamento. Seu pai não me disse ainda, mas, mesmo que seja, você tem que respeitar a decisão dele. Além de tudo, o menino é delicado sim, mas pela sua boa educação. Não é nada disso que você está insinuando.

Mas Marília, espevitada como todos a consideram, replicou.

– Não tenho certeza, mas todos do colégio falam.

E a mãe volta a repreender:

– É melhor ficar quieta ou nem a esse baile de formatura você irá. Seu pai vai lhe colocar de castigo se souber desses assuntos. Ele considera o capitão um grande amigo.

O capitão Galdino nunca foi militar. Embora nunca tenha exercido o cargo, herdou o título de seu pai, que fora capitão-do-mato e tinha prestado serviço aos fazendeiros ao capturar escravos fugitivos. Todavia, muito embora houvesse interesse em unir sua família à do Coronel, aquele encontro não dizia respeito ao fato e, sim, aos interesses comerciais e de trabalho. O coronel Manuel pretendia ampliar sua distribuição de produção e combinaria, com o capitão, a ampliação da frota de caminhões cuja coordenação ficaria aos cuidados de Galdino.

– Ah! Ainda bem! - Marília murmurou baixinho.

Mas dona Maria Florinda ouviu e a repreendeu:

– Eu ouvi muito bem. Tome cuidado com o que fala, mesmo que seja consigo mesma.

As empregadas, que conheciam o comportamento impulsivo da menina, riram baixinho para a patroa não ouvir.

O almoço é movimentado e alegre, mesmo porque o Coronel comemorava uma grande melhora no faturamento. Uma usina de açúcar que exportava os seus produtos, solicitou que o Coronel triplicasse o seu fornecimento de cana. Com isso, foi necessária a aquisição de novos e maiores caminhões para o transporte.

Mas, na saída, depois de comerem e desenvolverem as tratativas de trabalho, Galdino voltou a tocar no assunto do possível casamento dos filhos:

– Coronel, o senhor já falou com Marília sobre o meu filho?

O Coronel desconversou e disse:

– Não vamos falar desse assunto agora. Não é o momento adequado. Voltaremos a falar em outra oportunidade.

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Dante MT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em março de 2024.
